



ENTREVISTA

**“A trama da escrita em questão:
teoria, métodos e possibilidades na
produção acadêmica”**

Valdeci Reis

Desde o primeiro semestre de 2022, o Conselho Editorial do IFSC, em conjunto com a Coordenadoria de Publicações, vem promovendo a série formativa “Diálogos Acadêmicos”. A iniciativa tem por objetivo promover debates virtuais visando qualificar processos editoriais. As palestras são transmitidas pelo canal do IFSC, no YouTube, com a perspectiva de promover um intercâmbio com pesquisadores e leitores do Portal de Periódicos do IFSC. A presente seção é um espaço de diálogo para aprofundar alguns tópicos que surgiram no debate “Diálogos Acadêmicos, de 20 novembro de 2023: [“O que um jovem pesquisador precisa considerar antes de submeter um texto em uma revista científica?”](#)”, conduzido pelo pesquisador Valdeci Reis.

Valdeci Reis é Doutor em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Atuou como coordenador de publicações na Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação do IFSC no biênio 2022-2023, como editor-chefe da Revista de Extensão Caminho Aberto entre 2020-2022, e presidiu a Comissão de Ética do IFSC entre 2015 e 2018. Tem experiência na área Educacional, com ênfase em Educação Tecnológica; Educação e Trabalho; e Mídias em Educação. Pesquisa e escreve sobre os seguintes temas: Juventudes em contextos de situação de vulnerabilidade social e risco; Etnografia; Formas de participação social; Juventude e cultura digital. Atualmente, é Coordenador de Ingresso do Campus Florianópolis do IFSC.

Valdeci fala à Revista RTC sobre diversos aspectos relacionados ao “texto” e ao “contexto” de uma submissão em uma revista científica. Muitas são as questões que precisam de atenção nesse momento de publicação das produções, principalmente para os pesquisadores iniciantes. Esta entrevista, em que ele nos fala de teoria, métodos e possibilidades na produção acadêmica, entre outros aspectos, é um convite à leitura não só para os iniciantes, mas também pode interessar aos pesquisadores mais experientes que entendem que o mundo da pesquisa está em constante construção.

Revista RTC - O que podemos perceber é que, geralmente, pessoas ligadas a programas de pós-graduação é quem publicam suas pesquisas em revistas científicas, mas pessoas que não estão ligadas formalmente à academia também podem publicar suas pesquisas? É necessário a coautoria de um doutor para que um artigo seja aceito? Afinal, quem pode e quem não pode publicar em uma revista científica?

Valdeci: Os periódicos científicos surgiram com a função social de difundir e popularizar o conhecimento científico. No Brasil, diferente da União Europeia, por exemplo, mais de 90% da produção científica está concentrada nas universidades. Você citou os programas de pós-graduação. A história deles, em nosso país, é relativamente curta. Até meados da década de 90 do século XX, a pós-graduação brasileira, tendo por base o parecer do Conselho Federal de Educação 977/65, teve como premissa a formação de professores universitários. Somente a partir de 1996 é que a pós-graduação traz para si a responsabilidade de formar pesquisadores.

As diretrizes colocadas em curso pela CAPES nos dois governos de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) formam o embrião que deu origem à ‘pós-graduação produtivista’, por meio do qual a tríade pesquisar-escrever-publicar se tornou regra inquestionável. Os governos que vieram na sequência aprimoraram essa perspectiva de produtivismo acadêmico, implantando a política do ranqueamento. Não basta difundir o conhecimento científico, algo natural no percurso do desenvolvimento da pesquisa acadêmica. É preciso

publicar nas revistas com o Qualis mais elevado ou em periódicos indexados nas bases científicas de prestígio internacional.

A política de financiamento da CAPES, embasada nas notas de avaliação no período quadrienal, bem como o índice de produtividade dos pesquisadores vinculados aos programas de pós-graduação discentes e docentes, resultou na pressão que as universidades, bem como as coordenações de programas de pós-graduação, passam a exercer sob as equipes editoriais: a necessidade da revista acadêmica ter boas avaliações no Qualis-CAPES. Como um dos indicadores dessa avaliação tem relação com a quantidade de discentes e docentes que publicaram na revista a cada quatro anos, algumas equipes editoriais passaram a exigir que um dos coautores tenha o título de doutor. Trata-se de uma tentativa forçada de subir rapidamente na avaliação quadrienal.

No período em que atuei como editor-chefe da Revista Caminho Aberto não me preocupava com a qualificação do pesquisador. Minhas preocupações editoriais sempre se voltaram para a qualidade do manuscrito, bem como a relevância social da comunicação científica em tela. Também considero muito importante dar oportunidade a novos pesquisadores. Na palestra ministrada em novembro, você deve se lembrar que eu iniciei minha exposição relatando sobre a minha primeira experiência ao submeter um artigo em um periódico acadêmico, fato ocorrido durante a minha Graduação, enquanto atuava como Bolsista de Iniciação Científica. O aceite para a publicação, naquele momento, foi muito importante para que eu seguisse no Mestrado. Ali, tive a certeza de que desejava seguir com os estudos acadêmicos. Quando observo os outros artigos aprovados naquela edição, a maioria escritos por antropólogos internacionais consagrados pelas entidades científicas, penso que o Professor Reinaldo Matias Fleuri fez o seu trabalho de editoria com muita sensibilidade. Durante a minha trajetória acadêmica, encontrei grandes editores. Outro que teve grande impacto na minha formação foi o antropólogo Rodrigo Pereira da Rocha Rosistolato. O parecer editorial detalhista e cuidadoso referente a uma submissão realizada na Revista Contemporânea de Educação, em 2018, me fez repensar toda a pesquisa de doutorado que estava em curso. Com a anuência da minha orientadora, convidamos o Professor Rodrigo Rosistolato, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ, para participar da minha banca de qualificação e defesa de doutorado. Hoje somos colegas editores. Essas experiências marcantes durante a minha trajetória acadêmica contribuíram para que eu desenvolvesse uma gestão mais ‘humana’ à frente da Revista Caminho Aberto. Para além de uma avaliação, a ação editorial é um ato de educação científica.

Diante do exposto, voltemos à sua terceira pergunta - quem pode publicar em uma revista científica? Qualquer pesquisador que tenha desenvolvido uma pesquisa de relevância social e que consiga comunicar os resultados, respeitando as diretrizes editoriais do periódico. A maior parte da produção científica brasileira é produzida na universidade, todavia, temos pesquisas interessantes sendo conduzidas por organizações sociais nas periferias. Um professor de educação básica que desenvolve a pesquisa enquanto prática educativa também pode produzir um artigo relevante. Vamos ignorar essa produção por conta de uma avaliação da CAPES? Eu sempre fui movido por um ímpeto revolucionário. Como servidor público, respeito as orientações institucionais, mas como pesquisador e editor, sempre tive um olhar especial para as movimentações que ocorrem à margem do sistema.

Revista RTC: Na sua palestra, o senhor afirmou que “a internet acelerou o processo de produção e difusão do conhecimento científico, mas essa aceleração trouxe alguns problemas”. Hoje, com o advento da Inteligência Artificial (IA), por exemplo, o ChatGPT, os limites de uso deste tipo de ferramenta parecem ser algo ainda confuso. Como as revistas científicas estão lidando com isso? Usar “IA” na produção de um texto científico é possível? Se sim, como utilizá-la de modo a não se tornar um problema para o autor incorrer em plágio, em transgressões ético-legais, ou coisas desse tipo?

Valdeci: A produção científica no mundo inteiro é sustentada pela avaliação por pares. Então acredito que falte um debate robusto sobre o uso da Inteligência Artificial. Na ausência de regulações e diretrizes claras, tentarei desenvolver algumas proposições. Penso que uma coisa é o pesquisador utilizar um software para fazer uma revisão de literatura. Por exemplo, quero entender os tipos de quimioterapia que estão sendo utilizados na Índia para tratar do Mieloma Múltiplo. Quais combinações químicas provocam menos efeitos colaterais? Qual medicamento trouxe um bem-estar melhor para o paciente? Fazer uma revisão de literatura com esses indicadores de forma manual é muito trabalhoso, então, podemos utilizar a tecnologia a favor da ciência. Mas não podemos esquecer o rigor ético. Na metodologia, o pesquisador precisa informar em detalhes o software utilizado, bem como os descritores, comandos e filtros aplicados.

No caso do ChatGPT é muito mais emblemático. Veja, a comunidade científica sustentada na avaliação por pares, definiu que para um pesquisador receber o título de doutor, este precisa defender uma proposição original. No momento em que um doutorando recorre à inteligência artificial para a escrita de um capítulo ou trecho do texto, não existe originalidade. Penso que as consequências a longo prazo serão desastrosas para o campo científico, pois o ChatGPT compila, cruza e refaz um texto a partir de dados já disponíveis na rede mundial de computadores. Mas um dos objetivos primordiais da ciência é a criação de soluções para os problemas existentes.

Vou tentar desenvolver o exercício da didática, recorrendo novamente ao exemplo do Mieloma Múltiplo, um câncer que tem crescido muito no Brasil nas últimas décadas. Segundo a Sociedade Brasileira de Hematologia, a cada ano, 7.800 novos casos desta anomalia na medula óssea são identificados. No momento, a oncologia não oferece cura, apenas tratamentos paliativos. É verdade que a hematologia evoluiu muito neste campo, mas ainda não existe cura para esta enfermidade. No campo cognitivo, os hábitos de leitura e escrita são fundamentais para o aprimoramento do processo de criação, um dos princípios basilares da ciência. Minha posição pessoal sobre o uso do ChatGPT na escrita acadêmica pode deixar os leitores da RTC chocados: sou radicalmente contra. A função social dos programas de pós-graduação acadêmicos é formar pesquisadores. E para que o estudante possa desenvolver uma solução tecnológica, este precisa ler, refletir, escrever, desenvolver experimentos nos laboratórios. A inteligência artificial não irá fornecer a cura do Mieloma, a chave para compreender essa anomalia hematológica virá por meio de muito trabalho empírico nos laboratórios e nos campos de pesquisa, hospitais e unidades básicas de saúde.

Revista RTC: Como alguém que já foi editor-chefe de uma revista científica, quais as principais orientações que o senhor daria para que um pesquisador diminua a chance de uma rejeição? Quais os aspectos que precisam ser observados para elevar as chances de sucesso da submissão de um artigo? O senhor indicaria algum tipo de capacitação para os iniciantes?

Valdeci: Você traz à baila questões, cujas respostas não são simples. Permita-me desenvolver um raciocínio na tentativa de colocar luz sobre um elemento que considero essencial no processo da avaliação editorial, a qualidade da escrita. Parafraseando a Professora Gilka Girardello (2012), a formação do pesquisador significa também a sua formação como autor, alguém que tenha algo a dizer, capaz de informar alguma novidade, que contribua para a compreensão dos problemas sociais. A autoria não consiste apenas na produção de conceitos originais, bem como no cruzamento de dados inéditos a partir do que está disponível na rede isso o ChatGPT faz com muita eficiência. A autoria está também na possibilidade de comunicar os dados de pesquisa de forma didática, organizada e consistente.

A expansão das vagas no âmbito dos Programas de Pós-Graduação vem ocorrendo junto a grandes dilemas. Um deles é o número de estudantes que ingressam no Mestrado ou Doutorado, mas apresentam dificuldades hercúleas no processo de escrita. Logo após a implantação da política produtivista da CAPES, os Professores Lucídio Bianchetti e Ana Maria Netto Machado (2005) conduziram um importante estudo sobre os desafios da pós-graduação brasileira naquele momento. O depoimento de 74 pesquisadores seniores - vinculados a programas com notas 6 e 7 evidenciou que o maior entrave durante o curso estava na escrita da dissertação ou tese. Veja que essa pesquisa analisou a 'nata' da pós-graduação brasileira, ou seja, estudantes que passaram por um processo seletivo muito concorrido, porém, apresentaram grandes dificuldades no momento da escrita dos seus relatórios de pesquisa.

Observei isso enquanto cursava o doutorado. Muitos colegas vinham conversar comigo, ficavam impressionados com a facilidade com que eu escrevia. Foi quando comecei a refletir sobre o tema: como se aprimora a escrita? Como se produz um bom relatório de pesquisa? A resposta para essas indagações é aparentemente simples: escrevendo. Uma dica que eu sempre compartilho quando me fazem esse tipo de indagação em congressos ou seminários é: escreva uma página por dia!

Exercitei essa técnica durante o meu doutoramento. Todos os dias, não importava se era feriado ou período de férias, eu tinha um compromisso quase que religioso, de sentar em uma escrivaninha e escrever no mínimo uma página. No início, reconheço que foi um processo doloroso, mas com o tempo, percebi que estava escrevendo muito mais que uma página por dia.

Houve dias em que o exercício da escrita não tinha relação direta com a tese. Na tentativa de ser didático com você e com os leitores da RTC, compartilho um trecho do meu diário de campo escrito no dia 04 de março de 2019, enquanto desfrutava das minhas merecidas férias na cidade de Buenos Aires:

- Alô! Oi? Valdeci, meu filho... como está a viagem? Estás curtindo Buenos Aires? Já foi a San Telmo visitar Mafalda? Não esqueça de tirar uma Selfie ao lado dela e do Miguelito... Cemitério!? Ahhh... pois aqui no bairro também está a maior agitação por conta do processo de beatificação. Josefina está à frente do movimento, está certa de que agora que o "Francisco" está no Vaticano, o processo irá deslançar. Mas, filho, estou surpresa de saber que você também é devoto de Santa Evita... Ah, sim... Você não está aí por causa da religião, está investigando a história do peronismo. Você não tem jeito, Valdeci, até no país vizinho acaba se envolvendo com política, vou acender uma vela, para que Evita ilumine seus passos... Te conduza de volta para os caminhos da igreja. O quê? Você levou flores a ela!? Eu estou cho-caa-daaa... haha... sei... é uma tradição da cidade. Filho, escuta bem o que a mãe vai te dizer: pede para alguém filmar você colocando as flores na tumba. Vou fazer um story e publicar no 'Insta' . Vai 'bombar' , filho. Oi!? Você não tem jeito, Valdeci. Eu realmente me esforço, mas não consigo te entender. Você não é pesquisador? Não pesquisa as redes sociais e o comportamento juvenil? Tuas pesquisas já devem ter constatado que hoje todo mundo compartilha tudo em tempo real nas redes... Quem está fora da realidade é você, que ainda insiste em viver no mundo analógico... Que não existe mais... Será que não existe nenhum antropólogo disposto a analisar você? Não tenho dúvidas de que eles irão constatar que pessoas como você estão em extinção... Sei... Vigilância... Ubi... o quê? Filho, acho que você está vendo muita ficção científica, estamos no século XXI, na era digital... Sei... Aqui? Tudo na mesma, a única novidade é "golden shower" , o

último arroubo do presidente... Sim, no 'Face' não se fala em outra coisa... Que vexame, filho. Se cuida! E ao depositar flores na tumba, faça uma oração à Santa Evita, quem sabe ela interceda junto a Jesus Cristo e traga dias melhores à nossa região. Um beijo.

Esse registro foi realizado cinco dias após a minha qualificação de doutorado. Em seu parecer avaliativo, o sociólogo Amurabi Oliveira, um dos membros da banca, observou a necessidade de eu dar voz aos meus sujeitos de pesquisa. Principalmente por se tratar de jovens em situação de vulnerabilidade social e risco, era muito importante dar mais protagonismo a eles. Esse apontamento ficou na minha mente. Por dias, fiquei refletindo como eu poderia trazer para o primeiro plano da escrita o relato dos meus sujeitos de pesquisa. A partir de uma conversa cômica que eu tive com a minha mãe por telefone, resolvi brincar utilizando um recurso muito comum na escrita literária, onde o protagonista é isolado e o autor coloca em ação apenas a fala do interlocutor.

Pelo registro compartilhado acima, sabemos que um turista, movido pela curiosidade, bem como a tentativa de desvendar a história do peronismo, se rende a uma tradição portenha: levar flores ao túmulo do maior ícone desse movimento político. Através da narrativa da interlocutora deste turista, sabemos que tanto no Brasil, como na Argentina, movimentos de base ligados à igreja católica tentam pressionar as dioceses regionais para a abertura do processo de beatificação de María Eva Duarte de Perón. A narrativa também expõe um conflito geracional de um lado, temos uma idosa maravilhada com o advento das redes sociais digitais, que acredita que um vídeo do filho depositando flores no sarcófago de Evita pode fazer seu perfil no Instagram 'bombar'. Por outro lado, percebemos um pesquisador acadêmico preocupado com dilemas relacionados à privacidade e à vigilância ubíqua, temas em voga com a popularização das redes sociais. Veja que o leitor tem acesso a todas essas informações a partir da fala da interlocutora. Em nenhum momento a fala do turista aparece no texto. O leitor é conduzido a imaginar o que esse personagem falou a partir da narrativa da sua interlocutora. Neste exercício de escrita, meu objetivo principal foi testar um estilo alternativo de escrita.

Mas houve situações que o impulso para o ato de escrever foi desencadeado a partir do impacto ao observar, por exemplo, uma obra de arte urbana. Na tentativa de ser didático, compartilho outro trecho do meu diário de campo escrito dia 05 de março de 2019, também na cidade de Buenos Aires:

"A violência nas mãos do povo não é violência, mas justiça". A tradução da frase que acabara de ler em espanhol em um imenso painel ao lado de um belo graffiti retratando a grande mãe dos "descamisados" adentrou minha mente golpeando todas as moléculas que, aglomeradas, formam meus neurônios. Posicionado estrategicamente nas proximidades da rua de Mayo, visualizei a arte urbana exposta no muro ao abrir a janela do quarto de hotel em que estava hospedado.

Como estrangeiro, venho me esforçando para entender a sociedade argentina, porém me causa grande inquietação o revisionismo histórico que o kirchnerismo colocou em curso sobre a historiografia de Eva Perón. Na contemporaneidade, o peronismo se esforça ao máximo para caracterizar Evita como um grande símbolo do feminismo e da esquerda, todavia, ao analisar as políticas coladas em curso pela então primeira dama, é possível classificá-las como um populismo de centro à direita.

Todas as ações assistenciais desenvolvidas durante o governo do General Juan Domingo Perón foram executadas pela Fundação Eva Perón. O aparato estatal e empresarial destinou volumosas cifras de dinheiro para que a então primeira dama pudesse ensaiar as primeiras ações que visavam à proteção da população em situação de vulnerabilidade social e risco. Na história da América Latina, Evita foi pioneira ao implantar o modus operandi das Organizações Sociais. Instituições supostamente sem fins lucrativos que consomem percentuais significativos do orçamento público para executar serviços que são de responsabilidade do aparato estatal. Uma voz interna, alarmada com minhas divagações, me advertiu: se expressares essa conclusão a teus amigos peronistas ortodoxos, serás classificado como um herege e correrás sérios riscos de vida aqui em Buenos Aires.

Outra constatação que martiriza minha mente é o ‘esquecimento’ que o peronismo reservou ao Governo de Isabelita Perón que, pelas minhas observações, fora um governo bem mais à esquerda em relação a Juan Perón. Até o momento, não havia encontrado um artefato histórico-cultural que homenageasse Isabelita com a devida dignidade merecida. As poucas menções encontradas nos acervos da cidade eram o fato de ela ter repatriado o corpo de Evita, até então escondido em Milão. Em pelo menos duas ocasiões havia tentado abordar o tema com os hermanos, mas eles mudaram de assunto. Talvez o fato de o Governo de Isabela Perón ter sido derrubado por um Golpe Militar seja um ato de fraqueza que envergonhe a memória peronista. ‘Para a fraqueza digna dos indolentes não há lugar nos anais da história’, já dizia Glauber Rocha em seu clássico de 1967 - Terra em Transe, ao retratar o que estava acontecendo na América Latina naquele momento.

O trecho acima é um excerto retirado das 18 páginas escritas naquela manhã chuvosa na cidade portenha. Meu compromisso era escrever uma página ao dia, mas à medida que exercitava essa prática, passava a escrever de forma compulsiva. Como nos alerta Natalie Goldberg (1990), escrever é como correr: “quanto mais você corre, melhor faz”. No processo de escrita, quanto mais você exercita, mais rápidos são ativados os processos cognitivos integrativos (processamento sintático, gramatical, morfológico, fonológico e ortográfico). Quando você passa a escrever diariamente, sua capacidade de percepção - uma competência muito importante para a pesquisa em ciências humanas - aflora.

Na minha trajetória acadêmica, tive a sorte de esbarrar com a pesquisadora Ana Maria Hoepers Preve, minha professora no Mestrado e no Doutorado. Na reta final do processo de doutoramento, já havia cumprido todos os créditos, mas acabei me matriculando na disciplina Cartografias Intensivas em Educação. Meu objetivo inicial era estudar mais a fundo a obra de Gilles Deleuze. Todavia, com o decorrer da disciplina, acabei descobrindo uma metodologia muito particular do processo da escrita. Não me refiro à escrita do produto acabado - artigo, dissertação, tese - e, sim, de registros preliminares que podem resultar no texto mais completo e robusto. Penso que esses fragmentos textuais podem ser entendidos como um dispositivo que permite organizar o pensamento, bem como explorar diversas técnicas de forma experimental ou até mesmo lúdica, como a escrita do fragmento literário a partir de uma conversa inusitada que tive com a minha mãe.

Gosto de pensar o processo de escrita em uma perspectiva rizomática, veja que estou recorrendo a um conceito da filosofia deleuziana. Para mim, um texto é sempre um rizoma. Essa entrevista que você está conduzindo é um rizoma em movimento: “conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível,

suscetível de receber modificações constantemente. Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas” (Deleuze; Guattari, 2000, p. 22). Tal movimento, que não encerrará com a publicação do texto na Revista RTC, seguirá nos insights, deslocamentos e rupturas a serem provocados em cada leitor.

A psicanálise também nos oferece uma forma muito particular de pensar o processo de escrita. Jacques Lacan (2000; 2018) propõe a experiência da escrita clínica como um dispositivo para analisar situações aparentemente contraditórias, difíceis de serem compreendidas. Fiz uso desse dispositivo ao interagir com jovens oriundos da periferia de Florianópolis e me deparar com situações ambivalentes:

Por volta de 19:00, cerca de 120 jovens - a maioria entre 14 e 18 anos - circulavam em pequenos grupos pela praça. MC Rever estava atrasado. Sentado em um banco de madeira, virei assunto em algumas rodas, onde integrantes falavam alto e se movimentavam sem parar de um lado para outro: “o que aquele ‘mano’ estranho está fazendo ali” - indagou um adolescente. “Será que ele vai ‘colar’ na batalha? Mas ele não tem cara de Rapper”. Outro moço comentou que o movimento despertou o interesse do ‘asfalto’, ou seja, tem sido comum os ‘playboys’ aparecerem nas Batalhas de Rap, mas estes não têm compromisso algum com o movimento Hip Hop, estão ali apenas pela ‘zoeira’ e ‘pegação’ e isso tem causado muitos problemas para os organizadores MCs.

A situação ficou mais tranquila com a chegada de L’ Marx, jovem conhecido da cena Hip Hop de Florianópolis, que havia sido um dos meus principais informantes em outro estudo etnográfico realizado. O abraço do MC - seguido pelo comentário “vejam só quem resolveu voltar à ‘quebrada’, o misterioso detetive da universidade” - representou simbolicamente algo próximo de um carimbo no passaporte do etnógrafo, que ainda buscava alternativas para se movimentar naquele território culturalmente estrangeiro para mim, na condição de pesquisador. A cena protagonizada pelo Rapper era acompanhada atentamente por parte dos jovens curiosos em desvendar o ‘ser estranho’ que havia se materializado, inesperadamente, na praça.

Fui apresentado para algumas pessoas próximas. Enquanto aguardava a chegada de Rever, conversei com Mano Intruso, jovem que vem participando do movimento há seis meses. A forma como Mano chegou às batalhas é no mínimo curiosa. Relatou-me que participa da Igreja Universal do Reino de Deus - um dos elementos decisivos para o ingresso na religião foi a escola de canto que sua igreja fundou na periferia, bem como os louvores - muito comuns nos cultos ecumênicos da entidade neopentecostal.

O jovem avançou em sua narrativa, afirmando que a instituição religiosa tem uma forma muito peculiar de expandir sua ramificação de atuação. Por exemplo, existe uma ponte na cidade - Barra da Lagoa - que, nos últimos meses, vem sendo palco de muitos suicídios. Então, os “discípulos de Jesus” se revezam em escala próximos ao local. Caso uma pessoa resolva tentar o ato, o “enviado” entra em ação,

conversa com a pessoa, tenta entender o que está acontecendo, acolhe e oferece a igreja como uma alternativa para superar o momento difícil.

Foi desta forma que Intruso chegou à Batalha da Central. O pastor de sua igreja acreditava que era preciso resgatar aqueles jovens que estavam perdidos para o “Capeta”. Sendo assim, escalou Intruso para monitorar a área e verificar jovens em potencial para conversão. Todavia, algo inusitado, fora do ‘script ecumênico’, ocorreu. A batida, as rimas e as poesias declamadas atraíram o interesse de Intruso, que passou a gostar do ritmo. É preciso ressaltar que foi a música que atraiu o jovem para a igreja.

Mano Intruso vive um dilema: gosta de rap, mas também dos louvores declamados no púlpito de sua igreja. Revelou este dilema para sua mãe que, desde então, vive em pânico, insistindo de forma enfática em levá-lo na “sessão de descarrego”. Ao longo das minhas conversas com o jovem, que se tornou algo rotineiro todas as terças-feiras, este me revelaria ainda outra situação: é homossexual. Questionado sobre como essa situação era tratada na igreja, afirmou que “a ordem é acolher a todos, Jesus nunca condenou ninguém por sua opção sexual”. Mas é outro trecho da fala do jovem que despertou minha atenção: afirmou que via redes sociais tem conversado com jovens evangélicos de várias regiões do país, simpáticos à causa da diversidade. Eles estão discutindo a possibilidade de fundar o coletivo ‘juventude universal pela diversidade’.

Existem três sociabilidades aparentemente contraditórias que constituem a identidade de ‘Mano Intruso’: é evangélico, rapper e gay. E não está no horizonte deste jovem abrir mão de uma dessas características. Sobre o lado mais tenso destas sociabilidades - vivenciadas na igreja -, o jovem demonstrou disposição para se aliar a outros jovens evangélicos e tentar impulsionar uma nova dinâmica na instituição religiosa (Reis, 2020).

O trecho acima retrata um movimento em curso nas últimas décadas no Brasil, o avanço das igrejas neopentecostais nas periferias brasileiras. A academia tende a olhar para esse fenômeno sociológico de forma arrogante e, às vezes, preconceituosa. Minha experiência empírica no Morro do Mocotó e as mais de 2.000 páginas escritas em meu diário de campo confrontadas com a literatura acadêmica disponível sobre esse tema de pesquisa, evidenciam que diante da devastação social em curso, bem como a ausência do poder público, as ações desenvolvidas por essas organizações religiosas acabam atuando como uma rede de proteção social muito importante para as pessoas em situação de vulnerabilidade. É evidente que tais ações são desenvolvidas com o objetivo estratégico muito bem definido, consolidar o poder da igreja sobre o território. Mas será que essas organizações conseguiriam adentrar nessas comunidades se o aparato estatal cumprisse a constituição, garantindo os direitos universais básicos aos seus cidadãos? O censo de 2022 revelou que, na cidade de Florianópolis, existem 677 igrejas e apenas 469 instituições de ensino. Por qualquer ângulo que observamos, contactamos a regressão do estado democrático de direito.

Alonguei-me bastante, na tentativa de responder às suas indagações. Meu objetivo foi demonstrar que qualquer pessoa pode aprimorar o processo de escrita, existem muitas técnicas à disposição dos jovens pesquisadores. Mas, para isso, é preciso, evidentemente, muita disciplina. Umberto Eco (2020), em seu precioso manual ‘Como se faz uma tese’, uma leitura obrigatória para qualquer estudante de pós-

graduação, é enfático: “a escrita é vinte por cento inspiração e oitenta por cento transpiração”. Por fim, enfatizo que a qualidade da escrita é um aspecto basilar para que um trabalho acadêmico tenha êxito na avaliação editorial.

Revista RTC: Para que um pesquisador escreva um artigo científico ele precisa ter dados primários? Ou é possível escrever um artigo a partir de outros dados? Como é a aceitação desses artigos?

Valdeci: Um bom exercício para introduzir o estudante à iniciação científica é a revisão de literatura. Alguns pesquisadores denominam essa etapa da pesquisa como ‘constituir o estado da arte’. Vamos supor que a temática da pesquisa seja o tratamento oncológico e o pesquisador queira compreender as vantagens do uso dos imunomoduladores sob os quimioterápicos. Antes de qualquer procedimento experimental em laboratório é preciso compreender o ‘estado da arte’ sobre esse tema. O que já foi pesquisado? A que resultados chegaram? Aí você me questiona: uma simples revisão de literatura pode ser transformada em artigo? Posso submeter os resultados desta revisão em um periódico da área? Se você chegou a resultados inovadores e de relevância social, afirmaria que sim, pode ser uma contribuição interessante para a área da saúde.

Mas vamos supor que você seja uma pesquisadora da área de educação e você realizou uma revisão de literatura sobre o uso do método freireano para alfabetização de jovens e adultos. Você analisou as melhores bases científicas, seu artigo está super bem escrito. Posso submeter em um periódico da área da educação? Eu diria que sem uma pesquisa aplicada, você dificilmente conseguirá publicar esse manuscrito.

Atualmente é inquestionável o uso do método freireano na EJA. Esta metodologia é reconhecida internacionalmente. Ouso a afirmar que revisões de literatura nessa área estão saturadas, dificilmente uma nova análise vai chegar a um resultado inovador. Então o que precisamos é de pesquisa empírica aplicada. Como esse método está sendo aplicado junto às populações ribeirinhas? Que dificuldades os alfabetizadores estão encontrando para aplicar essa metodologia nos centros urbanos? Tudo isso levando em consideração, por exemplo, que Paulo Freire desenvolveu seu método em espaços não formais de educação. Como editor, priorizaria a publicação de artigos que tentassem desvendar essas questões.

Revista RTC: É possível que muitas pessoas não saibam o que é um DOI - Digital Object Identifier e que ele tem um custo em dólar para as revistas científicas. E que, possivelmente, o fator custo seja um dos motivos da rejeição de artigos. O cenário de custos cada vez mais significativos para as instituições que organizam as revistas, associados à não valorização do trabalho dos revisores - e demais profissionais que organizam a revista, que, na sua maioria, não são pagos e nem conseguem alocar cargas horárias (CH) em seus planejamentos, ou, ainda, que não possuem treinamento adequado para a tarefa, parece ser a “combinação perfeita” para o surgimento de revistas predatórias, que cobram quantidades significativas pela submissão de artigos e a rápida aprovação, lucrando com o conhecimento científico tanto na submissão, tanto nos downloads que ficam inacessíveis a quem não pode pagar para ter acesso ao conteúdo. É bem verdade que os programas de pós-graduação vêm cada vez mais exigindo produtividade por meio da quantidade de artigos publicados em revistas de extratos mais altos, leia-se A (Qualis A-1 a A-4, de preferência A-1). Esta é uma “matemática” que não fecha. Frente ao exposto, o senhor poderia comentar um pouco sobre este cenário? Poderia explicar o que são as revistas predatórias e como evitá-las? E como um pesquisador pode organizar sua produtividade e orientar suas escolhas para boas revistas não predatórias?

Valdeci: Atualmente, o maior desafio das equipes editoriais está na indexação do periódico, pois a maioria das bases científicas, cobram a indexação por cada artigo na moeda norte-americana. Diante dos cortes

orçamentários na ciência e tecnologia, tem sido um desafio quase que hercúleo editar as revistas científicas no âmbito da rede federal de educação profissional.

Diante da pressão que os programas de pós-graduação exercem para que seus docentes e discentes publiquem, algumas empresas viram nisso um negócio lucrativo. Cobram pela submissão do manuscrito e publicam ignorando o rigor da avaliação editorial acadêmica. Como sobreviver a esse cenário produtivista selvagem? Atentando para a função social da comunicação científica.

Particularmente, me recuso a submeter um manuscrito em uma revista que cobra taxa de submissão. Acho que é um assunto urgente que carece de uma maior reflexão no âmbito da pós-graduação. Veja, desenvolvo uma pesquisa com financiamento público, ao finalizar, vou submeter os resultados em periódico fechado? Que cobra para o leitor realizar o download do artigo? Não me parece algo razoável. Então, penso que os pesquisadores precisam atentar para essa consciência política.

Analisando o universo editorial a partir da minha área de formação (Educação), te afirmaria que o pesquisador não terá dificuldades em publicar seus manuscritos em se tratando de uma pesquisa bem desenvolvida, com dados robustos e conclusões relevantes. Evidentemente que estamos falando de uma área que tem muitos periódicos. Sobre as áreas que têm tradição em cobrar taxa de submissão - medicina, farmácia, saúde coletiva, não me sinto autorizado a emitir juízo de valor. Mas convidaria os pesquisadores dessas áreas a refletirem sobre o 'modus operandi' da difusão do conhecimento científico. Será que estamos atuando na direção da popularização da ciência?

Revista RTC: Pela sua experiência, qual o tempo médio entre a submissão e a publicação de um artigo em uma revista? Na palestra do dia 20 de novembro de 2023, o senhor tratou um pouco dos elementos que levam "à demora" das avaliações. Poderia explicar a respeito?

Valdeci: Isso vai depender da quantidade de manuscritos que são submetidos anualmente no periódico, bem como a quantidade de pessoas que compõem a equipe editorial. No período em que estive à frente da Caminho Aberto, o tempo médio de avaliação era de dois meses, e posso afirmar que isso é quase um recorde nacional. Como chegamos a essa métrica? Muitos colaboradores me auxiliavam na assistência editorial. É verdade que as restrições sanitárias impostas pelas autoridades no período pandêmico me permitiram dedicação exclusiva à revista. Decorrido o período mais crítico da pandemia de Covid-19, a instituição autorizou alocar 16 horas semanais para a atividade de editor-chefe. Mas analisando o cenário nacional, posso afirmar que o fluxo de uma avaliação editorial leva em média 12 meses.

Revista RTC: O que um pesquisador precisa fazer para que seu artigo ganhe mais visibilidade junto às bases científicas e seus indexadores? Poderia explicar como funciona todo esse processo de disseminação/divulgação das revistas e pesquisas científicas?

Valdeci: A visibilidade do artigo tem relação com o número de bases científicas em que o periódico está indexado. Novamente, vou recorrer a um exemplo pessoal para que os leitores possam compreender melhor esse processo. Em 2016, logo após a defesa da minha dissertação de mestrado, produzi um artigo com os resultados principais da pesquisa desenvolvida e o submeti na Revista Holos (IFRN). O manuscrito foi publicado em 2018. Hoje, este artigo tem mais de 40 citações, 5.000 visualizações e 1.380 downloads. São métricas que me deixam intrigado, principalmente porque não é o melhor produto científico que escrevi. No doutorado eu produzi livros e artigos muito mais interessantes, seja no aspecto da relevância social ou qualidade. Todavia, o

fator principal que impulsionou a visibilidade deste produto editorial é o fato de o periódico estar indexado em 28 bases científicas.

Agora, vamos imaginar um livro. As tiragens na área da educação são cada vez menores por conta dos custos com a impressão. É muito difícil fazer com que um livro, produzido a partir dos resultados de uma tese ou dissertação, chegue a 1.000 pessoas. Então, um artigo publicado em um bom periódico acaba circulando muito mais no meio acadêmico. Como afirmei na palestra, atualmente, o maior desafio das equipes editoriais é a indexação em bases científicas. É isso que vai impulsionar a visibilidade, algo vital para a sustentabilidade da revista.

Revista RTC: Onde os pesquisadores conseguirão saber quais as autorizações de pesquisa (as autorizações necessárias para aplicar pesquisa com o universo/amostra) e em quais comitês precisa tramitar seu projeto de pesquisa para que ela seja esteja alinhada ao rigor ético-científico necessário às publicações e para evitar problemas futuros, inclusive jurídicos?

Valdeci: Cabe a todo pesquisador ter anuência das diretrizes e normas relacionadas ao tratamento ético envolvendo pesquisas com seres humanos. Desta forma, projetos de pesquisa que abarcam seres humanos, especialmente oriundos do campo das Ciências da Vida, devem, obrigatoriamente, obedecer aos preceitos da Resolução n° 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde, e ter aprovação junto a um Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Essa aprovação deve ser mencionada no corpo do texto, na seção sobre a metodologia, informando o número de registro e a data de aprovação.

Por alguns anos, houve uma briga acadêmica entre as áreas de pesquisa. As ciências humanas reclamavam que a resolução de 2012 não atendia às especificidades da área. Diante dessas reivindicações, o Conselho Nacional de Saúde publicou a Resolução n° 510/2016, que dispõe sobre os dispositivos aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Os autores também devem informar os dados relacionados à aprovação do projeto pelo Comitê de Ética. Já as pesquisas que envolvem povos tradicionais - indígenas e quilombolas - devem ter anuência da CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. O pesquisador submete o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética da sua instituição e a secretaria executiva remete a CONEP, em Brasília, para apreciação. Seguir os preceitos das resoluções citadas é fundamental no desenvolvimento da pesquisa aplicada.

Revista RTC: Por fim, muitas revistas convidam os autores a se tornarem revisores, mas muitos desses autores não possuem experiência ou se sentem despreparados para fazer uma avaliação de artigo científico com qualidade, com contribuições que de fato tenham relevância (afinal, se toma como princípio que o avaliador tenha mais conhecimento do assunto que o próprio autor). O que o senhor indicaria para esses pesquisadores que se interessam pela avaliação de artigos, mas que se encontram inseguros?

Valdeci: Como mencionei no início da nossa conversa, a história da pós-graduação brasileira é curta. Nesse sentido, a avaliação por pares ainda é um campo em construção. Tenho acompanhado os bons debates promovidos pela Associação Brasileira dos Editores Científicos - ABEC, e, inclusive, eles promovem um curso de avaliador de artigo científico. Cursei e posso te afirmar que foi excelente.

A agenda da ABEC é intensa; são muitas lives, cursos e seminários. Então, uma dica para quem gosta dessa área é participar da associação. Eles também promovem muita coisa gratuita on-line. Atualmente, os debates mais profícuos no campo da produção, avaliação e disseminação do conhecimento científico estão sendo protagonizados pela ABEC.



*Por Roberta Elpídio Cardoso, Doutoranda em Administração,
Servidora da Pró-Reitoria de Ensino do IFSC.*

REFERÊNCIAS

BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. **Orientação/escrita de dissertações e teses em questão:** produção científica e estratégias de orientadores e coordenadores de programas de pós-graduação em educação. Relatório de pesquisa CNPq. Edital Universal. Processo n.479.166/01-3. Florianópolis, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2011.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese?** São Paulo: Perspectiva, 2020.

GIRARDELLO, Gilka. “A escrita antes do texto: de cozinhas, teares e ateliês. In: BIANCHETTI, Lucídio; MEKESENAS, Paulo. **A trama do conhecimento:** teoria, método e escrita em ciência e pesquisa. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

GOLDBERG, Natalie. **Wild mind:** Living the writer’ s life. Nova York: Bantam Books, 1990.

LACAN, Jacques. **A ética da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012 (Seminário 7).

LACAN, Jacques. **Las formaciones del inconsciente.** Buenos Aires: Nueva Visión, 2018.

REIS, Valdeci. Sociabilidades juvenis: notas etnográficas na periferia de Florianópolis-SC. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, Vitória-ES, v. 8, p. 09-30, 2020. DOI: <https://doi.org/10.47456/cadecs.v8i1.33464>